

*Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente, na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante. No primeiro caso, temos [...] uma distribuição complementar. [...] No segundo caso, a distribuição não se faz na língua em si, mas na comunidade que a usa. (Mattoso Camara 1953: 57-58)*



O contexto acadêmico brasileiro da primeira metade do século XX reproduziu de forma exemplar as duas orientações recorrentes na história da reflexão sobre as formas lingüísticas: de um lado, sua manifestação enquanto ‘estrutura’; de outro, sua manifestação como ‘diferença’ (Swiggers 1993). Trabalhos como os de Antenor Nascentes (1886–1966) e Joaquim Mattoso Camara (1904–1970), ambos sobre o mesmo objeto material, a variante carioca do Português, ilustram essa duplicidade.

Tal ‘diferença’, em Nascentes, resultou em uma descrição minuciosa de todas as nuances de pronúncia que pôde observar e o único padrão possível era o prescrito pelo (bom) uso. Observe-se o exemplo: “*Nos ditongos em ai, ei, nem se deve fazer sobressair demais o som do i (afetação), nem tampouco eliminá-lo (pronúncia popular)*” (Nascentes 1936: 22).

A mudança de orientação de Mattoso, do ‘uso’ para a ‘estrutura’, deslocou o ponto de vista do lingüista descritor da manifestação superficial das formas lingüísticas para o nível abstrato das relações funcionais das unidades lingüísticas, modelos constantes de atualizações, estas, sim, variáveis. Confrontem-se os exemplos de cada uma das orientações, relativos à descrição das vogais da variante:

Pesquisa de imagem do início do século XX de Angela França. Foto de Olga Coelho. Acervo CEDOCH-DL/USP.

Quanto ao timbre as vogais se dividem em abertas, fechadas e reduzidas. Na palavra *pa* a vogal oral *a* é aberta, na palavra *mesa* é reduzida. Na palavra *pe* a vogal oral *e* é aberta, na palavra *mêdo* é fechada e na palavra *bote* é reduzida. Na palavra *po* a vogal oral *o* é aberta, na palavra *avô* é fechada e na palavra *livro* é reduzida. Estes exemplos mostram claramente o que é timbre de uma vogal. As vogais *i* e *u*, praticamente, não se classificam quanto ao timbre aberto ou fechado. [...] A vogal oral *a* é aberta quando sobre ela recai o acento tônico da palavra; e reduzida quando não recai (Nascentes 1936:16).

O foneticismo naturalístico é que baralhou o problema ao procurar deduzir diferenças e estabelecer vários tipos de /a/, /i/, /u/. [...] São incluídos alofones e variantes — combinatórios, facultativos gerais e até [...] estilísticos e facultativos individuais. Também os teóricos brasileiros mantêm-se no mesmo ponto de vista, e em especial põem de per si as variantes átonas, o que já é suficiente para criar um quadro complexo. [...] Ultrapassando as letras do alfabeto, temos, apenas, a mais, como fonemas distintos, as oposições entre /e/ e /è/ e /o/ e /ò/, que são nítidas e funcionais em português. Daí, as 7 vogais que facilmente se deduzem de séries vocabulares como — /vidi/, /vedi/, /vèdi/, /vadi/ e /suqu/, /soqu/, /sòqu/, /saqu/. (Mattoso Camara 1953: 68-70)

O olhar de Mattoso Camara para além da diversidade aparente da fala o autorizou a postular o acento como um dos traços descritivos pertinentes a partir do qual as vogais estruturam a sílaba portuguesa e a propor três subsistemas vocálicos, variantes, que representou pelos símbolos entre colchetes: o das tônicas, composto de sete vogais, [a] [è] [e] [i] [ò] [o] [u]; o das átonas, iniciais ou mediais, composto de cinco vogais, [a] [e] [i] [o] [u]; e o das átonas em posição final de vocábulo, com três vogais, [a] [i] [u]; além das duas assilábicas, [y] e [w].

A diversidade de realização das vogais passa a ser perfeitamente previsível e justificada na medida em que essas diferentes realizações manifestam contrastes posicionais e oposições funcionais graduais. Idem quanto ao acento, que é interpretado também como unidade funcional, ainda que supra-segmental, do Português: *revêrbero* e *reverbera*, *cível* e *civil*, *revólver* e *revolver* (Mattoso Camara 1953: 59-60).

Dessa maneira, enquanto descrições fonéticas, como as de Nascentes, tinham em vista o padrão de uso da língua falada, Mattoso tinha em vista o sistema lingüístico a ela subjacente. Esse foi o fator fundador a distinguir naquele momento, para a comunidade acadêmica brasileira, os dois tipos de descrição, fonético e fonêmico. Em outras palavras, a fonêmica de Mattoso Camara introduziu uma prática descritiva original na tradição da lingüística portuguesa do século XX. A nova disciplina trouxe, como conseqüência, a possibilidade de ultrapassar a diversidade concreta, manifestada e percebida na fala, que se submetia, assim, a um padrão regular, abstrato, que poderia e deveria ser divisado e demonstrado pelo lingüista.